

CAPITANEADA POR ARQUÉTIPOS NAS ARTES DA CENA

João Vítor Ferreira Nunes

Universidade do Estado de Santa Catarina

DOI: <https://doi.org/10.21680/2595-4024.2023v6n2ID31357>

Resumo

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) dedicou-se aos estudos da compreensão do si mesmo ao longo de sua vida e, ao passo que realizava suas jornadas, deparava-se com inúmeros conteúdos que, segundo ele, apontavam caminhos para se chegar a parte dos complexos que há em nosso inconsciente pessoal/coletivo. Integrada à psicologia analítica junguiana, a autora do artigo acampou em bibliografias que versavam sobre a temática e assim teve por objetivo central apresentar três *arquétipos*, quais sejam: *ânima*, *animus* e *sombra*, e os mesmos foram utilizados como fios condutores de investigações corporais realizadas na seara das Artes da Cena, por meio de imersões artísticas, chegando a resultados performáticos na estreita relação com seu eu-feminino, *ânima*.

Palavras-chave: Arquétipos. Artes Cênicas. Eu-feminino. Psicologia Analítica. Teoria Junguiana.

Abstract

The Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung (1875-1961) dedicated himself to the study of self-understanding throughout his life and, while he carried out his journeys, he came across countless contents that, according to him, pointed out paths on the horizon to get to part of the complexes that exist in our personal/collective unconscious. Integrated to Jungian analytical psychology, the author of the article camped in bibliographies that dealt with the theme, and thus had as its objective to present three archetypes, namely: anima, animus and shadow; and they were used as guiding threads for body investigations carried out in the area of Performing Arts, through artistic immersion, reaching performance results in the close relationship with her feminine self, anima.

Keywords: Archetypes. Performing Arts. I-feminine. Analytical Psychology. Jungian Theory.

1 – Introdução – A gênese do estudo

Quando comecei a estudar a psicologia analítica fomentada por Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço, me perguntava se era possível algum ser humano conquistar um alto grau de entendimento sobre si mesmo, onde conseguissem falar com propriedade acerca das manifestações psíquicas que lhes faziam mover. Jung, com seus estudos, mapeou parte da interioridade humana revelando-nos conteúdos e complexos que fazem parte de nossa dimensão interior, em meio ao século XX. Contudo, ao passo que acampava na interioridade humana, serpenteando entre os inúmeros complexos, os quais podem ser vistos

como uma verdadeira constelação de informações, ficou marcado como um pesquisador que investigava um universo desconhecido, verdadeiramente utópico, segundo Stein. Porém, não sabiam que aquelas empreitadas o levariam ao encontro consigo mesmo e seria caminhos para o autoconhecimento.

Tendo como base os entendimentos fomentados por Carl G. Jung, me dedicarei a apresentar três conteúdos que fazem parte de nossa dimensão interior, mais precisamente nas zonas do Inconsciente Coletivo, sendo os *Arquétipos*: a *Sombra*, a *Ânima* e o *Animus*. Faz-se mister apontar que, tenho como objetivo central lançar mão desses complexos, como os identificamos no cotidiano, bem como venho tendo-os como motes investigativos na seara das Artes da Cena, os quais desaguaram na cena performática. Todo o processo de pesquisa, teórica e prática, foram realizadas através da Pesquisa de Escuta (NUNES, 2020), cujo processo metodológico possibilitou que eu ouvisse os ecos que saíam de minhas entranhas d'alma, a partir do momento que me lançava no desconhecido. Trata-se, pois, de uma investigação teórico-prática que buscou entender, desvelar e afinar laços entre *eu's* – psiquicamente –, num traçado retroalimentativo.

1. 1 – Os arquétipos, influenciadores da personalidade: acampando na própria dimensão interior

Todos os conteúdos do nosso inconsciente coletivo são denominados de arquétipos e “todos os arquétipos contêm traços positivos e negativos” (JUNG, 2019, p. 121), tanto os seres místicos, oníricos a objetos, os quais contribuem diretamente para a formação da nossa personalidade, estendendo suas influências para o nosso comportamento. O junguiano Calvin S. Hall (2014) afirma que embora

eles constituam no inconsciente coletivo estruturas separadas, ainda assim podem chegar a formar pares, combinando, desta maneira, o arquétipo do herói/heroína com o do demônio(a), o arquétipo da magia com o do nascimento. O resultado do primeiro exemplo vem a ser um(a) líder implacável, atuando na personalidade de um ser, e o segundo, um(a) mágico(a) da fertilidade.

As estruturas culturais dos indivíduos determinam a existência dos arquétipos, e os arquétipos, por sua vez, influenciam diretamente as culturas, seus povos e todos os rituais, sagrados ou não. São vias de mão dupla totalmente complementares que se convergem. Nas culturas indígenas, por exemplo, há seus representantes arquetípicos, oriundos da natureza, que fertilizam os campos, os rios e as matas, assim como na cultura africana, variando entre seres místicos à deidades. Tais culturas, muitas vezes, oferecem seus povos a esses seres arquetípicos em um estado íntimo de confiança, variando entre crianças à idosos, permitindo que os mesmos reguem suas vidas e lhes guiem de forma integral. Para que sejam sentidos, realizam seus rituais sagrados, convidando-os a se manifestarem. Dessa forma, é possível que encontremos arquétipos em todas as partes.

Carl Jung dedicou quarenta anos de sua vida estudando os arquétipos e assim nos desvelou, através de seus escritos, que neles incluem-se os seguintes tipos: o da mãe, do herói, da criança, do velho sábio, de Deus, da mãe terra, da morte e do nascimento, bem como de outros objetos naturais, como plantas, árvores, a lua, o vento, o sol, os rios, o fogo, a água e os animais como um todo. O autor não exclui os objetos fabricados pelos homens, como cadeiras, anéis e armas, afirmando:

manzuá

Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente apenas *formas sem conteúdo*, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação (JUNG, 2000, p. 58).

55

É justamente por eles estarem ocupando o nosso inconsciente coletivo que fazem com que sejam reconhecidos enquanto universais e, com isso, pessoas de todo o mundo herdem as mesmas imagens arquetípicas básicas, segundo Hall. As crianças, por exemplo, independente de raça, classe e sexo, herdam em si um arquétipo materno, e este arquétipo varia a partir de sua realidade, por exemplo, por herdarem o arquétipo materno, *a posteriori*, projetam o mesmo à imagem física e comportamental de sua mãe ou responsável. Aproximam esse arquétipo da sua aparência física como um todo, as quais variam de filho para filho, de mãe para mãe, de família para família e de raça e classe, em resumo, de cultura. Ou seja, os arquétipos estão por todas as partes, contudo, são universais, mas não possuem as mesmas representações.

Para uma correta compreensão da teoria junguiana dos arquétipos, é muito importante que eles não sejam considerados como representações plenamente desenvolvidas na mente, como as imagens de lembranças de experiências passadas em nossa existência. O arquétipo materno, por exemplo, não é uma fotografia de uma mãe ou de uma mulher. Assemelha-se mais a um negativo à espera de ser revelado pela experiência. Escreveu Jung: “uma imagem primordial só é determinada quanto ao conteúdo depois que se torna consciente e está portanto preenchida pelo material

da experiência consciente” (JUNG, 2000, p. 79 *apud* HALL, 2014, p. 34).

Os arquétipos, por fim, fazem parte de nossos complexosⁱ, sendo potenciais inatos da nossa imaginação, pensamento e/ou comportamento, e podem ser reconhecidos por todas as pessoas, independentemente do tempo e lugar (STEIN, 2006). Além de serem externos a nós, há aqueles que podem ser encontrados dentro de nós, e que, até o momento, não foram citados com plenitude, os quais são a *Sombra*, a *Ânima* e o *Animus*. As manifestações vão depender das formas como agimos e nos relacionamos com o meio, e é desta maneira que as figuras arquetípicas passam a nos influenciar, como por exemplo, o arquétipo da criança pela perspectiva da *ânima* ou *animus*. Adiante, explicarei como agem esses três arquétipos que são presentes em nossa dimensão interior, no inconsciente.

2 – A *Sombra*: pessoal e coletiva

Será que de fato estamos preparadas para lidar com nós mesmas? Mas o que significa lidar consigo mesma? Será apenas o fato de existir, conhecer seus limites e controlar as emoções? Essas perguntas têm me acompanhado por muitos e muitos anos, acredito que desde que comecei a estudar a teoria junguiana e seus processos de vida, sendo jornadas teórico-práticas, onde o sujeito acampa no mundo interno e externo, a fim de conhecer um eu desconhecido, mas que é ela mesma. Inúmeras foram às vezes que disse para mim que estava preparada para lidar de frente com meu mundo interior, numa relação íntima e de trocas afetivas, contudo, ao passo que me deparava com algo que não conhecia, repudiava e logo

repensava. Segundo Carl G. Jung, o encontro consigo mesma significa o encontro com a própria *Sombra*, ou seja, o encontro com algo em nós que não gostaríamos de lidar. Para se chegar a sombra e assim conhecê-la, Jung faz uso da metáfora de que precisamos caminhar por veredas sombrias e estreitas, cujas estradas não poupam atormentar quem por elas trafegam e, logo em seguida, o sujeito há de se deparar com um poço. É neste poço interior que se encontra a nossa sombra. A importância de lidar diretamente com ela, ou seja, conosco, é o fato de nos conhecermos e saber que ali existe um avesso de nós. Um encontro doloroso, porém, fundamental para o desenvolvimento de nossa psique e o apaziguamento com nossas personasⁱⁱ.

Esta é a primeira prova de coragem no caminho interior, uma prova que basta para afugentar a maioria, pois o encontro consigo mesmo pertence às coisas desagradáveis que evitamos, enquanto pudermos projetar o negativo à nossa volta. Se formos capazes de ver nossa própria sombra, e suportá-la, sabendo que existe, só teríamos resolvido uma pequena parte do problema. Teríamos, pelo menos, trazido à tona o inconsciente pessoal. A sombra, porém, é uma parte viva da personalidade e por isso quer comparecer de alguma forma. Não é possível anulá-la argumentando, ou torná-la inofensiva através da racionalização. Este problema é extremamente difícil, pois não desafia apenas o homem total, mas também o adverte acerca do seu desamparo e impotência (JUNG, 2000, p. 31).

Vejamos que nos encontramos em constante nivelamento interno, tentando lidar com aquilo que em nós habita de positivo e negativo, vangloriados por nós e

manzuá

aquelas pessoas que estão a nossa volta. Aponto isto pelo fato de que há pessoas que comumente nos dizem: ' *você tem uma personalidade forte, ou, você é muito sincera, também como, você não abaixa a cabeça para ninguém*'. São nestes aspectos da personalidade que a sombra atua, sendo um eu diferente daquele que realmente somos. Com isso, chego à conclusão de que temos uma dupla personalidade, que podem ser comparadas com um *Anjo Bom* e um *Anjo Mal*, os quais são vistas e chamadas de *personas*, na teoria junguiana. Ambos os anjos atuam dentro de nós na mesma intensidade, todavia, em situações diferentes. Pensemos nesse Anjo bom como nós somos cotidianamente; um indivíduo dócil, passivo, que sabe controlar seus atos, sobretudo suas emoções mais devastadoras. Mas que, em um dado momento, somos contrariadas e, para nos defender dos ataques, "invocamos" o nosso anjo mal, a persona que não controlamos facilmente; aquela que devasta os campos, as flores e as relações a partir do momento que fora consumida pela raiva e tudo que há de negativo em nós. Esse anjo mal, todavia, vive dentro de nós amordaçado, à espera de um momento para se rebelar. Permanecendo escondido, pode ser visto como o eu noturno devido suas emoções e comportamentos negativos, tais como inveja, vergonha, falsidade, tendências suicidas e homicidas. Esse eu noturno, por sua vez, é a nossa *Sombra*. Algo que o *ego*, de fato, não consegue controlar, nem tão pouco filtrar os conteúdos que nele chega.

A nossa sombra, conhecida como *sombra pessoal*, desenvolve-se naturalmente na infância, à medida que nos identificamos com as características que podem formar a nossa personalidade. Com isso, não posso deixar de apontar que há indivíduos que o lado negativo da sombra pode ser mais visto do que aquele que consideramos positivo, e, à vista disso, à medida que vamos crescendo e

lapidando esses conteúdos, eles vão se cristalizando. Porém, há indivíduos que o lado positivo da sombra é evidente, deixando o negativo oculto. Mas que, ainda assim, ele entra em atividade em um dado momento de suas vidas. Isso significa que inúmeras são as forças que estão em jogo e entram em atuação para a formação da nossa sombra e, respectivamente, da personalidade. Concomitante a isto, é a partir das relações interpessoais que formamos e lapidamos a nossa sombra, observando o outro, os seus comportamentos, o qual associamos ao que consideramos hostil, vergonhoso e ignorante, bem como de modo oposto, a ética, o respeito e a gentileza.

Todos os sentimentos e capacidades que são rejeitados pelo ego e exilados na sombra contribuem para o poder oculto do lado escuro da natureza humana. No entanto, nem todos eles são aquilo que se considera traços negativos. De acordo com a analista junguiana Liliane Frey-Rohn, esse escuro tesouro inclui a nossa porção infantil, nossos apegos emocionais e sintomas neuróticos bem como nossos talentos e dons não-desenvolvidos. A sombra, diz ela, "mantém contato com as profundezas perdidas da alma, com a vida e a vitalidade — o superior, o universalmente humano, sim, mesmo o criativo podem ser percebidos ali" (ZWEING & ABRAMS, 2004, p. 16).

A sombra é persistente e não desiste nunca de se fazer presente em nossa consciência. Em resumo, é algo que o ego não controla, uma vez que é sua outra face. Diferentemente da *ânim*a e do *animus*, que se projetam no sexo oposto ao do indivíduo e que influencia nas qualidades das relações entre estes, a sombra influi em suas relações com as pessoas do seu próprio sexo. Com isso, a mesma

interfere nas relações de homens com homens e mulheres com mulheres, segundo Calvin S. Hall, influenciando entre estes e estas, situações de desavenças a sentimentos negativos.

A partir de Jung, podemos perceber que,

Um ser humano possuído por sua sombra está postado em sua própria luz, caindo em suas próprias armadilhas. Sempre que possível, ele prefere exercer uma impressão desfavorável sobre os outros. Em geral, não tem sorte, porque vive abaixo de si mesmo, e no máximo alcança o que não lhe convém (JUNG, 2000, p. 128 -129).

Em meio social, quando a sombra passa a intervir em nossas relações interpessoais por meio de maus humores ou atitudes ruins, logo uma pessoa com esse tipo de comportamento fica enquadrada pelas demais como “ovelhas desviadas”, as quais se orgulham, de certo modo, de sua valentia, ganância e cobiça. A sombra é parte daquilo que de negativo, muitas vezes, encontra-se dentro de nós e que não gostaríamos de lidar ou assumir diretamente.

Jung emprega o termo sombra para denotar uma realidade psicológica que é relativamente fácil de captar num nível imagístico, mas mais difícil de compreender nos níveis prático e teórico. Em vez de aludir à sombra como uma coisa, é preferível, porém, pensar nas qualidades ou traços psicológicos que estão “na sombra” (isto é, escondidos, encobertos, atrás de nós, no escuro) ou são “indistintos”. Quaisquer partes da personalidade que normalmente pertenceriam ao ego se estivessem integradas mas foram suprimidas por causa de dissonância cognitiva ou emocional, caem na sombra (STEIN, 2006, p. 98).

manzuá

Para além da *sombra pessoal*, a qual fora apresentada acima, tendo em vista que ela se manifesta em nossas vidas através das próprias experiências com o meio, há a *sombra coletiva*, sendo aquela que se encontra em meio social, reconhecida como a maldade humana. O mundo se tornou o palco desta assoladora sombra, e ela está presente em todas as camadas. A sombra

[...] nos encara de praticamente todas as partes: ela salta das manchetes dos jornais; vagueia pelas nossas ruas e, sem lar, dorme no vão das portas; entoca-se nas chamativas *sex-shops* das nossas cidades; desvia o dinheiro do sistema de financiamento habitacional; corrompe os políticos famintos de poder e perverte o sistema judiciário; conduz exércitos invasores através de densas florestas e áridos desertos; vende armamentos a líderes ensandecidos e repassa os lucros a insurgentes reacionários; por canos ocultos, despeja a poluição em nossos rios e oceanos; com invisíveis pesticidas, envenena o nosso alimento (ZWEING & ABRAMS, 2004, p.19).

Outro exemplo que torna evidente a sombra coletiva, é a popularidade de filmes de guerra e/ou de terror, com inúmeras mortes, os quais ela está presente de forma simbólica, metafórica ou indireta, como se estivessem distantes de nós. Faz-se mister apontar que quando assistimos filmes como esses, ou quando brincamos no vídeo game, nossos instintos de sede de vingança rapidamente entram em atividade e, desta forma, somos encorajadas a tomar tais atitudes ou sermos possuídas por pensamentos como estes, sobretudo quando somos criança, que é quando estamos lapidando a personalidade. A sombra, desta maneira, também passa por processos de desvelamento, de aceitação e/ou

negação, bem como de compreensão, tal como o inconsciente. A sombra é um arquétipo que influencia nossa personalidade, sendo o mais presente cotidianamente, o qual, porventura, irradia-se com frequência e conseguimos enxergar a olhos nu. Que reconheçamos, desta maneira, a sombra como algo nosso, e que não devemos colocá-la na obscuridade através das negações. É um mistério que envolve da nossa vaidade à bondade. O eu e sua outra face, a qual somos nós mesmas. Conteúdos ocultos que podem se tornar explícitos e nosso aliado, quando assumido e tratado de modo positivo.

2.1 – O *Animus*: O lado masculino da personalidade feminina

Daqui em diante, apresentarei outros arquétipos que são presentes em nossa dimensão interior, a *ânima* e o *animus*. Ambos os aspectos se encontram alocados também nas zonas do nosso inconsciente coletivo, e são mais conhecidas, segundo Carl Jung, como manifestações arquetípicas da nossa psique que, por sua vez, também influenciam nossas vidas, mais precisamente a nossa personalidade, manifestando-se através dos humores. Para que um indivíduo passe a ser conhecedora de sua sombra, como apresentado, ela necessita caminhar por estradas sombrias e sinuosas e, além de tudo, mergulhar fundo em um poço secreto que se encontra em seu próprio íntimo. Porém, para que estas se tornem conhecedoras de sua *ânima* ou *animus*, faz-se necessário desbravar as matas que há em nossa interioridade, sendo espaços considerados indevassáveis. Embora seja complexo nos tornarmos conhecedoras dessas dimensões interiores devido à ocultação e a cristalização social oriunda da heteronormatividade, tendo em vista que está diretamente ligada as noções de gênero, ainda assim é possível

ligar-se a elas.

O animus e a anima devem funcionar como uma ponte, ou uma porta, levando as imagens do inconsciente coletivo, da mesma forma que a persona deve ser uma espécie de ponte para o mundo. Por outras palavras, anima/us permite que o ego penetre e tenha a experiência das profundidades da psique (STEIN, 2006, p.118).

Trata-se o *animus* do lado masculino oculto na personalidade da mulher. Ou seja, é um arquétipo que se encontra presente no inconsciente coletivo de todas as mulheres, independente de raça, classe e orientação sexual. É uma personalidade subjetiva que representa um nível do inconsciente ainda mais profundo do que o da nossa sombra (STEIN, 2006). Dessa maneira, não é possível enxergar o *animus* a olhos nu. Faz-se necessário observar o comportamento alheio e, por esse motivo, é que o mesmo está nas camadas mais profundas do ego das mulheres e representam à imagem e experiência do *si-mesmo*ⁱⁱⁱ. Aponto que a explicação apresentada equivale aos entendimentos da *ânima*. A palavra *animus* é oriunda do idioma latim e têm como significado “espírito” e *ânima* significa “alma”, porém, Carl G. Jung nada quis remeter ao cunho religioso ao fazer uso de ambas às palavras para expressar as energias. Seu desejo era fazer alusão a algo que é inerente em todos os sujeitos (NUNES, 2020), com isso, trata-se do universo interior de todas as pessoas, tanto do campo anímico quanto do espiritual.

Mais acima falei sobre a negação da *ânima* e do *animus* no interior dos indivíduos partindo essa ação da sociedade, e isso é devido aos padrões heteronormativos e compulsórios culturalmente impostos. Segundo os livros escritos por Jung, inúmeras foram as pessoas que passaram a negar sua *ânima* e seu *animus*, afirmando que no interior da mulher não existia nenhuma dimensão

masculina em contínua retroalimentação e o mesmo para o interior dos homens. Ao tomar atitudes como essas, de negação, a *ânima* e o *animus*, devido os *refutamentos*, tornaram-se ainda mais primitivas, ou seja, ficando embaçadas, eventualmente recolhidas. Quando uma mulher nega sua essência masculina, ela não está negando apenas o seu *animus*, mas também a ela mesma, a sua própria história em meio social, uma vez que se trata o *animus* de atitudes ou disposições que governam as relações interpessoais como um todo, chegando a afetar também o inconsciente interior, sendo assim a imaginação, as ideias das pessoas, seus humores, suas emoções e as impressões subjetivas.

A chave do entendimento feminino me interessa, porém, como o tempo que eu tinha era sempre pouco para a realização de minhas pesquisas, uma vez que eu as fazia em esforços solitários, isoladamente, sempre lancei minha atenção, mais fortemente, para o desvelamento de minha *ânima*, a fim de avistar em minhas entranhas d'alma a minha subjetividade. Desta forma, me dedicarei a dialogar acerca da *ânima*, sendo este campo de conhecimento, aquele que mais me familiarizo.

2. 2 – A *Ânima*: O descobrir, o assumir/negar e suas manifestações

Inauguro este tópico com a informação de que as energias, *ânima/us^v*, apropriam-se de formas culturais para que sejam vistas e valorizadas por nós. Nelas, contém conteúdos psíquicos universais, comuns a todos os indivíduos. Há aspectos do *Animus* que são similares aos da *ânima* e, diante disso, creio que não seja necessário repeti-los. Passemos adiante para discutir acerca da *ânima* e suas irradiações na vida dos homens, tendo a mim, em primeira mão, como

pesquisadora e objeto de estudos, assim como um exemplo dado por Stein sobre Jung, de sua relação com o seu lado feminino.

Acredito que preciso falar de mim, de como vim sentindo sua presença e atuação em minha vida pessoal e na área artística por compreender que só consigo e posso falar daquilo que em mim permanece ou que por mim passou. Quando Carl G. Jung descobriu a *ânima*, ou seja, o lado feminino de sua personalidade, não foi através dos outros, do contato com seus pacientes, como comumente ele fazia através das sessões psicanalíticas, destampando conteúdos que outrora estavam ocultos, mas sim, numa relação intensa consigo mesmo. Stein, a partir das leituras dos materiais de Jung, afirma:

Em sua autobiografia, Jung conta uma história a respeito da descoberta da anima. Escreve ele que durante seus anos de intenso trabalho interior após romper com Freud em 1913, houve um período em que se questionou sobre a natureza e o valor do que estava fazendo. Isto é ciência?, perguntou-se. Ou é arte? Ele estava registrando seus sonhos, interpretando-os, algumas vezes pintando, na tentativa de entender o significado de suas fantasias espontâneas. Num dado momento, ouviu uma “voz” feminina dizer, “Das ist Kunst” [isto é arte]. Em seu ego e persona, Jung identificava-se como cientista, não como artista.

Para Jung, isso foi uma importante experiência interior da anima, e tornou-se um ponto de referência-chave para a manifestação da anima na memória coletiva da psicologia analítica. Depois de Jung, muitas outras pessoas que se dedicaram a explorar a imaginação ativa descobriram figuras interiores semelhantes (2006, p. 115-116).

Na época em que Jung estava realizando suas investigações acerca das proposições anímicas, tendo em vista que ele era o pesquisador e objeto de estudo, já se encontrava numa fase em que tinha discernimentos suficientes para dialogar sobre sua existência. Ou seja, encontrava-se preparado para estabelecer contato direto consigo mesmo por ter se dedicado intensamente ao processo de individuação. Após anos acampando em zonas do seu inconsciente, deparou-se com seu arquétipo. Desvelou Stein que Jung projetou a voz que fora ouvida a uma de suas pacientes, e passou a sentir um misto de sensações, as quais variaram entre temores e admiração por sua figura feminina. Quando Jung sentia-se angustiado acerca de determinadas situações, entrando em conflito com *seu-eu* interior, passava a ouvir uma voz feminina, que também partia de seu íntimo. Perguntava-se, se ao ouvir aquela voz estaria delirando. Mas acreditou que não, pois tinha noção de que seu corpo estava acionado, havendo um canal direto entre a consciente e a lucidez. Supostamente a sua *ânima*, sua mulher interior, a sua Feminilidade, enviou informações que estavam presentes em seu inconsciente, para que se tornassem conscientes, passando, desta forma, pelo filtro do *ego*. Esta é uma das tarefas das energias anímicas: havendo uma boa relação com elas, automaticamente nos fornecem informações essenciais frente às situações. Por meio disso, descobriu que além das projeções, a sua Feminilidade lhe subsidiava de intuições. Porquanto, inúmeros mistérios haviam entre Jung e sua feminilidade, os quais foram presentes em sua vida quando o mesmo já era um homem considerado maduro.

A alma é um fator da maior importância da psicologia do homem, sempre que são mobilizadas suas emoções e afetos. Ela intensifica, exagera, falseia e mitologiza todas as relações emocionais com a profissão e pessoas de ambos os sexos. As teias

da fantasia a ela subjacentes são obra sua. Quando a anima é constelada mais intensamente ela abranda o caráter do homem, tornando-o excessivamente sensível, irritável, de humor instável, ciumento, vaidoso e desajustado. Ele vive num estado de mal-estar consigo mesmo e o irradia a toda volta. Às vezes, a relação do homem com uma mulher que capturou sua anima revela a existência da síndrome (JUNG, 2019, p.202-203).

A *ânima* manifesta-se na vida dos homens a partir de sua relação com as mulheres de carne e osso, aquelas que, porventura, encontram-se no mundo exterior, ou seja, a sua volta. Percebo que, é como se estas mulheres a atraísse de modo completo e, por sua vez, tal como o *animus*, revelam inúmeras características ocultas na alma, e no caso do *animus*, do espírito. Em suma, é conhecido desta maneira, a partir das relações com o meio, sobretudo com as mulheres, que somos conduzidas pela *anima/us* para os entendimentos do nosso inconsciente coletivo. Conhecer a *ânima* e o *animus*, a saber de sua existência, é o mesmo que conhecer a si e se inteirar dos próprios impulsos, compreender os pensamentos e razões, bem como saber controlar as próprias emoções. Os padrões e energias cíclicas que se renovam a cada rito de passagem. Sendo a *ânima/us* arquétipos, assim como a sombra, evidentemente nos assustam nos primeiros contatos, porém, faz-se necessário que consigamos fazer com que permaneçam. Adiante falarei sobre as manifestações da *ânima*, tendo em vista pontos positivos e negativos, uma vez que todos os arquétipos possuem esses dois lados.

3 – Negando a *Ânima* e sentindo sua atuação tempestiva

A *ânima* como energia arquetípica, se transforma a cada dia e a cada situação. Pode-se dizer que sua atuação é constante e, diante de sua manifestação, é comum avistarmos no horizonte algumas personas ou figuras arquetípicas que pertencem ao nosso inconsciente pessoal/coletivo, bem como estão a nossa volta. Quando avistamos essas personas ou as figuras, estamos fazendo projeções de nossa *ânima*, ou seja, como queremos que sua atuação seja ou se aproxime/assemelhe-se. É como se estivéssemos relacionando a atuação, a qual ocorre por meio de nós mesmas, a alguns mitos ou algumas narrativas culturais, tendo em vista aquelas que são familiares a nós, ou não. Segundo a pesquisadora pernambucana, Danielle Perin Rocha Pitta (2017, p. 21),

O mito seria então a organização de imagens universais (arquetípicas) em constelações, em narrações, sob a ação transformadora da dinâmica das situações sociais. O que implica em uma relação íntima entre o indivíduo, a espécie e o cosmos. O inconsciente coletivo é estruturado pelos arquétipos, ou seja, por disposições hereditárias para reagir. Esses arquétipos se expressam em imagens simbólicas coletivas, o símbolo sendo a explicação “encarnada” do arquétipo.

Podemos constatar que a atuação da *ânima* está diretamente ligada às estruturas culturais de um modo geral, as quais nos influenciam constantemente. Nos estudos sobre o imaginário, Pitta nos fala sobre a importância de imaginar, partindo da perspectiva de Gilbert Durand, afirmando que é um processo natural dos sujeitos, e no mesmo estudo nos fala sobre a importância das imagens, afirmando que elas nos guiam em todos os sentidos. E, por esse motivo é que

relacionamos, de forma automática, a nossa *ânima/us*, com alguma narrativa ou com a figura de um ser. Esse é apenas um tipo de projeção e é comum a *ânima/us* viver em nós a partir das projeções, afirmou Emma Jung (2006). Em suma, o que desejo apontar é que, o modo como enxergamos a *ânima* não depende totalmente dela, mas também de nós, as quais variam de acordo como somos tratadas em contexto de alteridade, uma vez que as relações interpessoais influenciam diretamente nessas manifestações. Com isso, posso afirmar que há diferentes tipos de *ânima/us*, em seus diferentes níveis, vivendo cada um a seu modo.

Se, porventura, uma pessoa tratar mal a um sujeito, logo sua *ânima*, caso ela não seja obscura; que esteja regressa aos porões do inconsciente e, às vezes mesmo estando, ela vai se manifestar através dos humores, e é comum que oscile em um curto espaço de tempo. É nessa fase de oscilações que devemos dialogar internamente com ela, revendo os conceitos e tentando controlar os impulsos. Podemos dizer que a *ânima/us* está diretamente ligada à nossa *Sombra*, mesmo sendo coisas opostas. Quando não conseguimos controlar os próprios humores, significa que não temos uma boa relação com nossa feminilidade e, respectivamente, consigo mesma. São durante essas mutações que, segundo Jung, reside o perigo da *ânima*, bem como do *animus*, uma vez que quem pode vir a sofrer de modo verbal e físico, bem como de outras maneiras, são as pessoas que se encontrarem a nossa volta, sobretudo as mulheres de carne e osso, tratando-se da *ânima*.

Compreendo que inúmeros são os homens que não conhecem a si mesma. Que não sabem que dentro de si existe uma dimensão feminina em contínua retroalimentação e que, ao descobrirem, acabam negando, fazendo com que sua feminilidade fique ainda mais primitiva. Ao negar a nossa *ânima*, estamos negando

parte da nossa própria história. E, a partir disso, ela há de se tornar tempestiva, fazendo com que o sujeito não entre em um consenso consigo mesma. Há tempos atrás, o teórico Robert Alex Johnson, também junguiano, afirmou em seu livro que as grandes causas do processo de ‘caça às bruxas’ ocorreram por motivos dos homens não saberem, de modo algum, lidar com sua própria feminilidade e, ao invés de tentarem estabelecer relações direta e afetiva com elas – com a *ânima* –, foram descontar seus maus humores nas mulheres do seu século, abrindo assim os caminhos para a grande cultura da violência contra corpos femininos. A caça às bruxas, ou melhor, a caça às mulheres, não se tratou de rebeldias femininas, mas, segundo Johnson, do ato de negar, refutar, a própria feminilidade. Quando tratamos bem a nossa *ânima*, conseqüentemente, as mulheres de carne e osso, ou seja, aquelas que estão a nossa volta, também serão arrebatadas por esta relação positiva. As mulheres que estão no interior dos homens são igualmente aquelas que estão no exterior; elas exigem respeito e travam batalhas para conseguir tê-los, sendo este um direito de todas elas. Aponta Johnson que, “o homem só tem duas alternativas: ou ele rejeita seu lado feminino, que então se voltará contra ele em forma de maus humores e seduções insidiosas, ou ele o aceita e se relaciona bem. Esse lado feminino faz parte da vida e transmitirá força e entusiasmo” (JOHNSON, 1987, p. 52).

O patriarcado, como um todo, tem uma enorme parcela de culpa em todo esse processo da negação da *ânima*, uma vez que fomos introjetadas em sistemas educativos sexistas, machistas e de caráter *cisgenero* e *heteronormativos*, as quais fizeram com que passássemos a supervalorizar somente a virilidade masculina e assim negar a própria delicadeza. Não estou com intenção de apontar que a delicadeza é uma característica apenas feminina, visto que se eu fizer isso

estarei sendo sexista, mas acentuar que um sujeito homem jamais pode demonstrá-la em meio social, assim como suas fraquezas e o choro, e tudo isso foi culturalmente imposto a nós. Quando introjetados na cultura machista, fomos ensinadas a erguer pedestais e subir em cima, para que assim passassem a nos valorizar enquanto seres viris, destemidos e cortantes. Através disso, foram criados pelas sociedades os estereótipos sobre a figura masculina, e isso é alimentado pelo patriarcado, e quando a *ânima* fica regressa e não atua na personalidade do sujeito, é como um exílio do próprio ser, reverberando maus humores.

3.1 – Assumindo a *Ânima* e sentindo seus pontos positivos

Inúmeros são os escritos de junguianos sobre o lado negativo da *ânima* e do *animus*, entretanto, gostaria de acentuar que ambas as energias não se manifestam apenas dessa maneira. As formas que elas se espraiam em contexto social dependem muito de nós, de como estamos internamente. Se estivermos bem consigo mesma, conseqüentemente a nossa *ânima* também estará, mas, caso estejamos com fúria interna, ela também estará. Quando um homem ou uma mulher busca compreender sua *ânima/animus*, é evidente que estes indivíduos estão caminhando por estradas calorosas em direção as suas energias femininas e masculinas. Decorrente a isto, ambas as energias também caminharão de encontro a eles/as. Vejamos que, da mesma maneira que nós nos esforçamos para nos tornamos conhecedoras delas, elas também fazem esforços para que sejam vistas e valorizadas por nós. A *ânima* e o *animus* nos respeitam plenamente, uma vez que surgem em nossas vidas com veemência quando percebem que nos

encontramos preparadas para estabelecer esse vínculo. Vale apontar que, ambas as energias nunca foram vistas como parte fundamental do sujeito e valorizadas em sua totalidade. Reconhecer e falar sobre essas mulheres/homens que habitam o lado de dentro é algo peculiar, uma vez que estamos lidando com aquilo que, porventura, jamais poderão ser vistos a olhos nus, bem como palpados. Este é apenas um dos motivos que fizeram com que inúmeras pessoas ao redor do mundo negassem as afirmações de Jung acerca da *ânima*. Contudo, ao pensarmos nessas mulheres e nesses homens, que pensemos nas essências do ser. Concomitante a isto,

[...] se um homem tem um bom relacionamento com a sua anima, com a feminilidade interior, ele é capaz de sentir, de valorizar, e por isso encontrar significado em sua vida, o que não acontece na ausência deste relacionamento. Existe aqui um choque marcante entre as duas espécies de sensações interiores que um homem pode experimentar (JOHNSON, 1987, p. 55).

O choque que o teórico Robert Alex Johnson nos apresenta na citação acima, é justamente acerca das irradiações positivas ou negativas das energias que dentro de nós se fazem presentes. À vista disso, é uma escolha nossa nos relacionarmos com nossa feminilidade/masculinidade. Quando nos relacionamos de modo positivo, passando a compreendê-la de forma significativa, e ela se tornará uma verdadeira aliada para nós, desvelando alguns mistérios. Além dos humores, a nossa sensibilidade entra em atividade. Naturalmente são aguçadas, permitindo com que a gente se ligue a nossa cavidade interior. E, além disso, tornam-se presentes através de intuições. A individuação é, de fato, a chave para a psicologia masculina e feminina, onde os indivíduos estarão reclusos em si

mesma. E em meio a esse processo de trocas, é comum que confundamos nossa personalidade com a atuação de nossa *ânima/us*, e mesmo que magoadas, elas nos acalantam, porém segue sempre cautelosa devido às negações outrora sofrida. Respectivamente, a nossa mulher interior nunca se esquece do que já tivera feito contra elas, sejamos nós ou alguém que se encontre em nosso exterior. Por fim, a *ânima* ou o *animus*, não quer que sofram, visto que não estão em nós para isso. Mas desejam que as reconheçamos como parte fundamental de nós mesmas.

4 – Espreitando o passado, revisitando às adormecidas: os processos artísticos

Acima, há um registro de como Jung iniciou sua relação com sua *ânima*, visto que fora por meio das Artes Plásticas, todavia, o autor não enxergou por essa perspectiva, embora sua *ânima*, segundo ele, tenha lhe dado a confirmação. A minha relação com a *ânima* se intensificou quando ingressei no curso de Licenciatura em Teatro da UFRN. Naquela época, em 2013, eu estava sendo questionada sobre a minha afinidade com as mulheres, bem como a realização de estudos teóricos e práticos onde os múltiplos jeitos de ser feminino sempre foram protagonistas. E, enquanto caminhava em um amplo campo minado, me dediquei a estudar a psicologia analítica de Jung, e, visitando as obras, me vi diante da possibilidade de me encontrar comigo mesma, ou seja, com o meu eu-feminino. Senti que não bastava tomar conhecimento apenas através das leituras dos livros, mas também de ações práticas e corporais, me lançando ao desconhecido.

Dei início, desta maneira, aos processos cênicos onde a *ânima* era o meu

manzuá

foco, tendo em vista que estava acampando nas zonas do inconsciente pessoal, em busca de imagens arquetípicas. Ao longo dos estudos corporais, tive contato com a *ânima* fúnebre, tempestiva, revolta, aquela que braveou e as mais pacíficas. Um misto de energias femininas.

O fértil campo das Artes da Cena começou a florescer sob os meus pés, e aquele foi o sinal de confirmação que necessitava para saber que me encontrava no local certo. Caminhando em direção ao meu eu-feminino, todas as mulheres interiores se fizeram prontas a fim de serem vistas e valorizadas, via imersões nas artes da cena.

Alguns homens parecem ter um potencial muito grande de anima, o que significa que possuem mais do feminino dentro de si. Isso não é nem bom nem mau, em si mesmo. Se eles conseguirem fazer com que seu lado feminino se desenvolva bem, tornar-se-ão altamente criativos, sem que deixem de ser másculos por causa desse poderoso componente feminino interior. Nestes casos estão incluídos os artistas, videntes, os homens intuitivos e sensitivos, que têm tanto valor cultural para qualquer sociedade. Mas se não puderem chegar a um acordo com a mulher interior, ela o atropelará e acabará, muito provavelmente, por destruí-los. Toda mulher rejeitada torna-se negativa, e essa mulher interior não é exceção (JOHNSON, 1987, p.52).

O autor completa:

Uma das maiores contribuições de Jung foi à demonstração de que o ser humano é andrógono, o que significa que combina em si os elementos masculinos e femininos. Mas o homem geralmente se

identifica com seu lado masculino e usa sua feminilidade no interior, ao passo que a mulher faz ao contrário. A incorporação do elemento feminino dentro do homem é uma questão psicológica de grande sutileza e dificuldade. Mas, ao menos que ele consiga fazer isso, não pode sequer ter esperanças de compreender todo o mistério do seu próprio *self* (JOHNSON, 1987, p.16).

A partir do momento que me dediquei aos entendimentos da *ânima* nas artes da cena, as figuras femininas arquetípicas já vinham até a mim através das imersões corporais com mais facilidade, como se fosse um convite.

As primeiras vivências foram com base em algumas imagens, ou melhor dizendo, projeções, onde acabara por selecionar figuras femininas e mirava minha *ânima* no horizonte. A partir de estímulos, fui permitindo que meu eu-feminino me guiasse na empreitada. Tais estímulos foram diversos sons, quais sejam: ventania, choros, tempestades. Outras vezes, sinos, músicas cantaroladas pelas mulheres de minha família Mulato.

Quando eram energias pesadas demais, por vezes chegava a perder a consciência, e as figuras femininas assumiam os processos artísticos me governando como um todo, e é neste traçado que reside o perigo da *ânima*. Segundo Jung, elas não podem nos governar pois acharão que é a dona da nossa consciência. Ao notar que estava perdendo a consciência, eu parava o processo, respirava e retornava. Uma árdua pesquisa passou a se espriar a partir do momento que mirei meus holofotes para o meu eu-feminino.

O fato é que, “[...] se um homem tem um bom relacionamento com sua *ânima*, com sua feminilidade interior, ele é capaz de sentir [...], de valorizar, e por isso encontra significado em sua vida, o que não acontece na ausência deste

manzuá

relacionamento” (JOHNSON, 1987, p. 55). E, “quem caminha em direção a si mesmo corre o risco do encontro consigo mesmo. Esta é a primeira prova de coragem no caminho interior, uma prova que basta, pois, o encontro consigo mesmo pertence” (JUNG, 2000, p. 30-31) ao processo de individuação. Necessitamos, em primeira instância, lidar com tudo aquilo que se encontra dentro de nós, para que mais tarde possamos estabelecer trocas com as coisas que estão a nossa volta. A partir disso, fui resgatando a relação afetiva de minha feminilidade via artes da cena, me vi diante de energias renovadoras, únicas e necessárias.

Tais energias femininas e arquetípicas permitiram que eu chegasse a comunicações cênicas, quais sejam: *Ainda Sim, Se Parte* (2014), com um feminino fúnebre, imensamente triste e que foi seu próprio algoz por não suportar os sistemas patriarcais e os padrões heteronormativos e compulsórios. Para esta comunicação, tive uma íntima relação com a figura arquetípica da Morte, bem como a emoção da raiva, sendo este um aspecto da *sombra*.



Figura 1 – Ainda Sim, Se Parte (2014) – Fotografia: Byanca Soares (RN).
Arquivo pessoal da artista-pesquisadora.

A *Deusa-Bruxa* (2016), um feminino revolto, tempestivo, que destruía o que via, oscilava seus humores num curto espaço de tempo, na estreita relação com outras mulheres – aspecto esse da *ânima*. Ao longo das pesquisas corporais, me vi diante das imagens arquetípicas da Lua, da Deusa e da Bruxa, assim como da Noite.

manzuá



78

Figura 2 – A Deusa-Bruxa (2016) - Fotografia: Sebastião Salles (RN).
Arquivo pessoal da artista-pesquisadora.

Em *BIA-BOA* (2019), tive contato com o arquétipo do feminino guerreiro, da amazona, que lutava em busca de sua liberdade e, mesmo sofrendo, não desistia de si. Para além dessas imagens, fiz uso dos ritos de passagem (GENNEP, 2011) de minha avó materna, Bia Mulato, e fora o resultado final de minha pesquisa de mestrado no PPGArC da UFRN (2017 – 2019).



Figura 3 – BIA-BOA (2018) - Fotografia: Leila Bezerra (RN).
Arquivo pessoal da artista-pesquisadora.

Na comunicação performática *Desalojada* (2019), as trocas constantes foram com os arquétipos do Pássaro, da Morte e do Destruidor, e fiz uso dos ritos de minha mãe, Edgleide Mulato, cuja mulher teve parte de sua vida talhada na violência doméstica e social. Essa performance cênica faz parte de minha pesquisa de doutoramento, sobre histórias orais de mulheres da família Mulato. Para além das imagens e suas projeções, houveram toques nas sensações da loucura, do desespero e seus abandonos.



Figura 4 – Desalojada (2019) – Fotografia: Dayana Roberta Gomes (RN).
Arquivo pessoal da artista-pesquisadora.

Todos esses trabalhos cênicos fazem parte de minhas empreitadas acadêmicas, que aconteceram das graduações ao doutorado, tendo como foco central os arquétipos, suas imagens, memórias, histórias orais e *ânima*, ocorrendo, desta maneira, por meio da Pesquisa de Escuta, do contato direto com a relação com meu eufemismo.

Considerações Finais

Neste artigo, tive a intenção de falar sobre os arquétipos: *sombra*, *ânima* e *animus*, e de como estão presentes para além de nossa dimensão interior, e

devemos compreender que os mesmos estão diretamente interligados, e um depende do outro, distinguindo-se em três níveis: a *consciência*, o *inconsciente pessoal* e o *inconsciente coletivo*. Essa tríade é significativa para que venhamos a compreender a si. Em seus estudos, Jung acabara por nos dar informações acerca das coisas que estão presentes em nosso interior, contudo, continuo a pensar que a jornada de individuação nunca tem um fim, mas pausas, por acreditar que há territórios em nós que nunca foram sondados e acampados.

Através da psicologia analítica de Jung, podemos perceber que a nossa personalidade não é algo preso, que não se move, a qual pode ser descrita e valorizada. Pensemos nela e em seus conteúdos enquanto aspectos relevantes que formam os sujeitos. E, a sua própria medida, esses arquétipos entram em atividade em nosso interior, desaguando de várias maneiras em nosso exterior, cabendo a nós apenas observar suas presenças, revisitando as encruzilhadas que os mesmos se encontram.

REFERÊNCIAS

HALL, Calvin S. Introdução à psicologia junguiana / Calvin S. Hall, Vernon J. Nordby. – [1. Ed. 11. Reimpressão] – São Paulo : Cultrix, 2014.

JOHNSON, Robert A. He: a chave do entendimento da psicologia masculina: uma interpretação baseada no mito de Parsifal e a procura do Santo Graal, usando conceitos psicológico jungianos. Robert A. Johnson. – São Paulo: Mercury, 1987.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. Aspectos do Masculino / C. G. Jung; edição e introdução de John Beebe. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2019.

JUNG, Emma. Animus e Anima. – São Paulo: Cultrix, 2006.

NUNES, João Vítor Ferreira. ÂNIMA E(M) PERFORMANCE: Cartografia poética da feminilidade. *Arte Da Cena (Art on Stage)*, v. 6, n. 1. p. 186-207, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/ac.v6i1.63327>

PITTA, Danielle Perin Rocha. Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand / Danielle Perin Rocha Pitta. 2. Ed. Curitiba: CRV, 2017.

STEIN, Murray. Jung, o mapa da alma: uma introdução. 5º Ed. Murray Stein, São Paulo: Cultrix, 2006.

ZWEING, C. & ABRAMS, J. (orgs.) Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

ⁱ Os complexos são os conteúdos autônomos de nosso inconsciente pessoal e que é usualmente formada através de lesões ou traumas psíquicos, segundo o junguiano Murray Stein.

ⁱⁱ A interface psíquica entre o indivíduo e a sociedade que constitui a identidade social de uma pessoa (STEIN, 2006, p. 206).

ⁱⁱⁱ O centro, fonte de todas as imagens arquetípicas e de todas as tendências psíquicas inatas para a aquisição de estrutura, ordem e integração (STEIN, 2006, p. 206).

^{iv} Ao longo do texto, leitoras, vocês podem encontrar a palavra *ânima* assim escrita "*anima/us*" e, ao encontrar, peço que não estranhem. É devido ao fato de que há tantas coisas similares entre a *ânima* e o *animus*, que para ser breve, acoplo ambas as palavras, mas que ainda assim elas não perdem seus sentidos.